



# **ENTREVISTA**



# O resgate ao passado como forma de balizar o presente e vislumbrar o futuro

José Marques de Melo

Entrevista concedida a  
PEREIRA, Ariane<sup>1</sup> e  
FERNANDES, Marcio<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Centro-Oeste (Paraná)

Um dos principais nomes das Ciências da Comunicação no Brasil, José Marques de Melo relembra, dez anos depois, nesta entrevista, como foi a criação da Rede Alfredo de Carvalho. Na época, seu objetivo, ao convidar colegas para um conversa sobre a cobertura jornalística dada a passagem de século, era buscar alternativas para o “déficit histórico” que marcava a formação dos jornalistas. Hoje, ele acredita que os estudos em História da Mídia no Brasil começam a trilhar o caminho da maioria, embora ainda precisem se fortalecer no que concerne à memória regional, esquecida pela “vanguarda intelectual”.

1. *Qual é o lugar, nas Ciências da Comunicação, da História da Mídia?*

JMM – As Ciências da Comunicação demandam lugar estratégico para a História da Mídia. O que se pode esperar da HM? Trata-se de disciplina que pode contribuir para preservar a memória do campo ocupacional, resgatando processos. Pode construir paradigmas que servirão como fontes para a formulação de hipóteses de pesquisa no campo científico. Pode embasar, no campo educativo, a formação de futuros profissionais

1 Jornalista, doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

2 Jornalista, doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

ou gestores midiáticos. Mas também pode influir, no campo político, para o fortalecimento da identidade nacional, permitindo estabelecer padrões comparativos com outras sociedades, no tempo e no espaço.

2. *Porque estudar e fomentar as pesquisas em História da Mídia, sobretudo eventos/casos/acometimentos ligados à memória regional?*

JMM – Porque este tem sido um lado completamente esquecido pela vanguarda intelectual, na atualidade, sintonizada com os fenômenos da globalização, cotidianamente reiterados pela mídia. Quando muito, valoriza o país, desdenhando a região, para não parecer provinciana ou omitindo a comunidade para não ser rotulada como paroquial. Infelizmente nossa liderança cognitiva acalenta o “complexo do colonizado” e perde o sentimento de que vivemos numa “aldeia glocal”, mesclando local e global.

3. *Que tipos de pesquisas podem ser consideradas estudos em História da Mídia?*

JMM – Aquelas que inventariam a trajetória das instituições (imprensa, rádio, TV etc.) e as histórias de vida dos seus agentes produtores e gestores. Estas são pesquisas exploratórias, descritivas, mas na medida em que se vai acumulando o conhecimento, espera-se que os historiadores da mídia comparem os dados e os interpretem, para gerar indicadores que vislumbrem um melhor futuro para a humanidade.

4. *Costumeiramente, acreditamos que as mídias que têm sua história retratada nessas pesquisas são apenas as de um passado distante de nós. Como é possível quebrar este estereótipo, em especial junto aos alunos da graduação?*

JMM – Explicando que a pesquisa histórica, mesmo tendo como meta resgatar o passado, destina-se a balizar o presente e vislumbrar o futuro, como acabei de dizer. Talvez uma boa estratégia pedagógica seja motivar os alunos a construir autobiografias intelectuais ou histórias familiares. Partindo do resgate de suas próprias raízes podem saber a que árvore pertencem e como foram transplantadas para outros territórios ou como bem cultivadas continuam a dar bons frutos no solo nativo. Desta maneira, terão a chance de discernir entre a história de longo curso e a história imediata.

5. *Remontemos à formação da Rede Alfredo de Carvalho. Porque, naquele momento, montar uma rede de pesquisa em História da Mídia?*

JMM – Na passagem do século, acompanhei com interesse historiográfico a cobertura da imprensa e fiquei abismado com a falta de visão retrospectiva, a não ser através de infográficos. Conversando com outros colegas, concluí que a formação acadêmica da geração que faz reportagens dessa natureza foi marcada por acentuado “déficit histórico”. Propus criação da Rede Alcar para reintroduzir no currículo dos cursos de jornalismo o estudo da História e particularmente da História midiática. Mandeí uma carta circular aos meus colegas convidando para um encontro na sede da ABI, Rio de Janeiro, e me surpreendi com a significativa adesão. Os participantes representavam a geografia nacional, do Oiapoque ao Chuí. Todos compartilhavam sentimento de perplexidade. E começamos a batalhar, seduzindo novos adeptos. Hoje somos uma comunidade.

6. *A formação de uma rede de pesquisadores possibilita avanços nas pesquisas numa determinada área? De que maneira?*

JMM – Trabalhar em rede é mais eficaz do que produzir solitariamente porque as pesquisas serão balizadas por indicadores consensuais, motivando naturalmente as equipes participantes. O pesquisador passa a contar com interlocutores críticos, refinando constantemente suas observações empíricas. Basta ver como crescemos intelectualmente desde nosso primeiro encontro no Rio de Janeiro até chegar a Guarapuava.

7. *Nesses dez anos, desde a formação da Alcar, como o senhor analisa/entende a evolução da Rede e das pesquisas na área?*

JMM – O sinal alentador é o volume de conhecimento acumulado. Resta, agora, avaliar os resultados estocados para verificar sua utilidade social, evitando que a área se esclerose precocemente. Mas contamos com timoneiras do calibre de Marialva Barbosa e Maria Berenice Machado, cuja motivação e competência são antídotos rejuvenescedores.

8. *E como o senhor vislumbra os próximos dez anos, justamente a partir do momento em que a Alcar passa a ter, por exemplo, personalidade jurídica e estatuto (que*

*está em discussão e deve ser formalmente tornado público antes do final do ano)?*

JMM – Avalio o campo com otimismo e confiança. Apesar de majoritariamente juvenil, o seu corpo de pesquisadores denota criatividade e produtividade. Trata-se de requisitos indispensáveis para queimar etapas, atingindo a maturidade. A institucionalização é fundamental para neutralizar a informalidade e fomentar o compromisso coletivo.

9. *Neste ano de 2011, durante o VIII Encontro Nacional de História da Mídia, foi realizado o primeiro Prêmio de Estímulo de Memória da Mídia, que leva seu nome. Porque a importância de incentivar a pesquisa em Comunicação, sobretudo os estudos em História da Mídia, desde a graduação, já que o prêmio é voltado para graduandos?*

JMM – Fiquei naturalmente comovido com a lembrança do meu nome e só posso retribuir com a evocação da minha própria experiência. Fui induzido à pesquisa histórica pelo meu mestre pernambucano Sanelva de Vasconcelos, ainda na graduação, continuando no doutorado e preservando até hoje.

10. *As pesquisas em História da Mídia realizadas no Brasil tem um perfil próprio? Há diferença entre os estudos brasileiros e os realizados na América Latina, por exemplo?*

JMM – É temerário afirmar ou negar a hipótese. Temos atuado de forma tão distanciada da pesquisa da América Latina, na última década, que seria perigoso responder. Quem sabe, constituindo uma comunidade ibero-americana, como prevê a CONFIBERCOM, tenhamos melhores dados para julgar;

11. *No cenário internacional, o Brasil ainda busca se firmar no cenário das Ciências da Comunicação, através de diversas associações, por exemplo, como a Intercom. É possível avaliar em que medida a Alcar, que também está reforçando seus laços internacionais, pode contribuir decisivamente para a referida consolidação?*

JMM – Creio que é sempre desafiador o desejo de ampliar horizontes e fazer comparações forâneas. No entanto, precisamos consolidar nosso referencial cognitivo antes de fazer vãos cegos. Minha experiência recente, viajando

mundo afora, me fez mais prudente, pois o intercâmbio internacional só tem sentido quando predomina a bilateralidade dos parceiros.

12. *Há, em diversas partes do Brasil, ações individuais ou conjuntas em favor da causa que pretende tornar o padre Landell de Moura um herói nacional, por sua contribuição no processo de criação e desenvolvimento dos meios de Comunicação. Qual é o impacto simbólico de uma causa como esta, sobretudo no exterior?*

JMM – Trata-se de um bom exemplo. Quando ampliarmos nossa auto-estima, reconhecendo os valores nacionais, poderemos cortar os laços que nos aprisionam aos ícones exógenos. Neste ano, temos dois centenários agendados pela comunidade – os de McLuhan e de Werneck Sodré. Uma dupla que se assemelha a Marconi e Landell. Como estamos celebrando os dois vultos no campo da comunicação? Tenho a impressão de que torna-se evidente a assimetria que favorece o canadense. Vamos torcer para que a reabilitação de Landell de Moura na memória nacional seja duradoura e se projete em outros paradigmas intelectuais.

---

**José Marques de Melo** é graduado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1964) e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1965). Possui doutorado e livre-docência em Ciências da Comunicação - Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1973). Atualmente é professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, onde é Diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação. Publicou meia centena de livros e coletâneas, mais de uma centena de artigos em periódicos científicos do país e do exterior. Fundou e dirigiu sociedades científicas no espaço iberoamericano.